

AQUI, LISBOA!

«Senhor do Evangelho, Rei Imortal dos Séculos, escolhei, chamai apóstolos desprendidos e mandai-os pelo mundo fora ensinar aos homens o Vosso Mandamento.» (Pai Américo)

Passou no mês passado a Festa do Bom Pastor, cume da semana consagrada às vocações. Como de costume, o Santo Padre dirigiu a toda a Cristandade uma mensagem, relembrando ideias expressas no Concílio, que afirmou solenemente ser dever de toda a Comunidade cristã incrementar as vocações. Centrando, agora, a tônica nas tarefas específicas das comunidades paroquiais, das quais o Concílio espera, juntamente com o contributo da família, o «máximo contributo», João Paulo II fala-nos da imensa necessidade de sacerdotes, que o Mestre não quis uma Igreja sem eles e que «as vocações são o futuro da Igreja».

Naturalmente, como não poderia deixar de ser, cá em Casa, também abordámos essa temática candente, tendo orado por tal intenção, dum modo particular no que diz respeito às próprias necessidades. Sem sacerdotes e leigos ao seu serviço a Obra da Rua veria chegado o seu fim.

Ao lermos a carta que o Sumo Pontífice dirigiu por ocasião de Quinta-Feira Santa aos sacerdotes de todo o mundo, propondo-lhes como exemplo a figura do Cura d'Ars, expressão de espiritualidade diocesana e paroquial ímpar, como sentimos a exigência duma vida totalmente consagrada ao serviço de Deus e dos Irmãos! Mas é de sacerdotes assim que nós precisamos e pedimos: homens de fé viva e de oração, «desprendidos», capazes de amar e de levar os outros a fazê-lo com grande amor à Igreja e íntima ligação à Hierarquia.

A Conferência Episcopal Portuguesa, reunida em Fátima no mês transacto, teve como tema principal dos seus trabalhos «a renovação do ministério sacerdotal», decidindo, ainda, dedicar a sua próxima reunião à questão das vocações, tendo presente os sinais de esperança que apontam para o seu aumento. Solícitos, o que nos apraz registar, os Bispos não deixaram de abordar a situação dos padres jubilados ou retirados da vida sacerdotal por razões de saúde.

Vamos entrar no Ano Centenário de Pai Américo. Os

Cont. na 4.ª pág.

MAIS UM LIVRO DE PAI AMÉRICO

CANTINHO DOS RAPAZES

Quando esta edição chegar à mão dos Leitores, tudo leva a crer que muitos Assinantes da nossa Editorial terão já recebido o CANTINHO DOS RAPAZES — de Pai Américo.

Ainda agora, com os responsáveis, mexemos os cordelinhos da expedição, que não é tarefa fácil na actual conjuntura: o número de Assinantes d'O GALATO está quase nos 40.000, a tiragem do «Famoso» já supera os 60.000 exemplares!

«Quem havia de dizer!» — exclamaria Pai Américo, se estivesse, fisicamente, a nosso lado. Ele que vivia, com especial alegria, estas horas de expedição de livros; dos livros que lhe saíam da alma cheia de Fogo, com marca d'eternidade, exactamente porque se fundamentam no seu Livro d'Horas: o Evangelho de Jesus.

A nossa frente temos um dos quadros mais belos da nossa Aldeia: os Rapazes embalando o CANTINHO DOS RAPAZES! Decerto, como muitos outros, terão a curiosidade espiritual de folhear, de ler, quicá, de meditar profundamente os textos que Pai Américo deixou, plenos de actualidade, onde vinca — como em nenhuma outra obra — a sua dualidade de Padre-Pai com linhas

de rumo que toda a gente entende.

O CANTINHO DOS RAPAZES é como que um abraço Pai-Filho, no silêncio de casa, pés bem assentes na terra e olhos no Céu, abrindo Caminho — nos caminhos tortuosos da vida:

«O CANTINHO DOS RAPAZES é para ser lido e meditado pelos que andam, actualmente, a passar e a sofrer o cabo das tormentas. As tormentas da idade. Sofrer, sim. É bem um cabo das tormentas a tua vida de hoje, nessa tua idade, mas não tenhas medo. Jesus vai na barca. Asseguro-te, em nome d'Ele, a bonança, a seu tempo. Vigia-te. Vigia-te. Vigia-te!»

● POSTAIS RSF (RESPONSA SEM FRANQUIA)

Nesta edição, no coração d'O GALATO, expedimos um postal RSF (resposta sem franquia) especialmente dirigido

aos Leitores que não sejam Assinantes da nossa Editorial. Podem, assim, requisitar o CANTINHO DOS RAPAZES — ou outras obras da nossa colecção — com mais facilidade. No entanto, tenham a bondade de preencher os vossos nomes e endereços bem legíveis, de preferência com letras maiúsculas, e deitar o postal no marco do correio.

O postal RSF é uma maneira fácil de vencer a falta de tempo — para muitos Amigos... Na era da velocidade, nem sempre há ocasião de olhar — com os olhos da alma — os nossos mais nossos: filhos, sobrinhos, netos, afilhados... Pai Américo supre. E de que maneira!

Vamos semear sem nos preocuparmos com a colheita. Vamos semear! E levar a mensagem carismática de Pai Américo aos jovens de todo o mundo, especialmente aos da Língua de Camões!

Júlio Mendes

Barredo

Foi em 1949 que Pai Américo começou a escrever regularmente n'O GALATO sob esta epígrafe; e daí o desencadear-se, em vários sectores, uma atenção maior aos problemas humanos desta zona degradada da cidade.

Não que eles fossem desconhecidos, nomeadamente dos Serviços municipais, como é óbvio. Tanto que, nesse mesmo ano, o Eng. José Júlio Afonso foi incumbido pela Câmara de um «Estudo do arranjo e salubridade da zona do Barredo», a que, em 1954, o Arq.º Marques de Aguiar juntaria outro, de sua iniciativa — «Reconstrução a longo prazo» — em ambos se propondo, genericamente, a demolição progressiva mas total do interior do Barredo, com a conse-

quente valorização do envolvimento da Sé.

Estes estudos, porém, não tiveram, então, audiência eficaz, porquanto a Câmara se fixou prioritariamente na resolução do problema das «ilhas», com a construção de bairros municipais destinados ao realojamento dessas populações.

Ainda assim, o interesse e a urgência dada a este aspecto, também grave, do parque habitacional da cidade, os ouvi da boca do Eng. Machado Vaz, Presidente da Câmara ao tempo da inauguração do Bairro da Rainha D. Leonor, atribuir à motivação de Pai Américo, entretanto ocupado, não somente com doutrinação sobre barre-

Cont. na 4.ª pág.



Que Deus nos mande «apóstolos desprendidos», «sem oiro nem pratas», dispostos a dar a vida sem condições — pelos Gaiatos, pelos Pobres.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Apesar do desemprego atingir mais as regiões do litoral, não deixa, porém, de se repercutir nas «intermédias» — a grande fonte de mão d'obra.

É um problema nacional — e internacional. Para leigos na matéria, não é muito fácil decifrá-lo em toda a sua extensão. Jogos económicos em prejuízo do Homem, qual inversão de valores!

Têm aparecido um ou outro caso d'afflicção: São os que não se mexem..., porque vivem do crédito até um dia. Outros mexem-se no mercado de trabalho, mas não arranjam quê. Sofrem mais!

— Isto está muito parado...!

Quando surgem destes casos, não descansamos enquanto não se encontrar um posto de trabalho; ordem prioritária, que tudo o mais se procurará resolver, por acréscimo. Às vezes, não é pouco...!

Agora, contemplamos mais dois desempregados: Um com três filhos — de 2, 3 e 7 anos — já com novo emprego. Enquanto a situação económica pessoal não estabilizar — débitos para cima de 50 contos — recebe ajuda em mercearia e leite para as crianças.

— Assim... (comenta a jovem mãe), assim, vamo-nos arremediando e pagando a quem devemos.

Acções um tudo nada ousadas para certos meios em que se atenta mais na miséria que desemboca na rua ou no tético, do que nesta, já típica do final do século: os novos Pobres — como dizem os franceses.

Não há uma sem duas! Estávamos a terminar esta nota e chega o alerta dum vicentino que fora acudir a mais um desempregado:

— É uma miséria! Um ror de filhos...! Mal cheguei do comboio fui ter com o pobre homem. Falámos a sós. Contou a sua história... O pai já deitou a mão — mas não chega a nada! Deixei um maço de notas na mão dele — para compor a vida — e esperança de melhores dias.

PARTILHA — No topo da procissão, um Anónimo, do Porto, com um cheque de 50 deles — e a Amizade de sempre — que destinamos à reparação de mais algumas moradias que Pai Américo deixou, como herança, aos Pobres de Paço de Sousa.

«Por alma dos meus entes queridos», um cheque da assinante 31104 — «que tanto sofre» — lembrando dois casos apontados nesta coluna.

Assinante 9983, de Aveiro, outro cheque, sendo a parte que toca à nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, «de preferência, para um homem já idoso — por alma do meu marido». Testemunho do Grande Sacramento!

Agora, vem lá «uma pequenina gota para a Conferência e o pedido duma oração» — do assinante 9790 de Oliveira do Douro — «para que a Paz do Céu se instale em todos os corações e, assim, surja entre todas as criaturas a Luz da verdadeira Amizade no Senhor». Cristo vai na barca!

Os 500\$00, habituais, da assinante 19177, do Porto; e mais 100\$00 «de outra minha amiga». Mais perseverança: 1.500\$00 de «uma portuense qualquer», relativos a Março, para amenizar «as despesas extras do mês em que celebrámos a Páscoa do Senhor». Com a mesma intenção, enfileira na procissão, o assinante 28053; pede «uma Ave-Maria pelos entes queridos

que muita saudade me deixaram».

Nós somos assim mesmo!

Façamos uma paragem para ler, com os olhos da alma, estratos duma carta, riquíssima, da «Maria de Portugal»:

«Eu penso que a fidelidade é a verdadeira marca do cristão. Ser santo ou amigo um dia — é tarefa fácil. Sê-lo um ano, dez anos ou a vida inteira exige um grande esforço; mas só vale muito o que custa muito». Não é assim?

Enquanto puder, continuarei a enviar a habitual migalha. Poderia fazê-lo menos vezes, aumentando a quantia. Prefiro assim. Gosto de começar cada mês a pensar, nos que esperam, ansiosos, a ajuda fraterna. Era esta a preferência do nosso santo Padre Américo — de quem tive, um dia, uma carta.

Esta fome de ajudar os Pobres dominou-me sempre, graças a Deus. Hoje, já posso pouco (só tenho 72 anos...). Mas posso rezar mais e dar mais a certos recoveiros que fazem esse trabalho por mim.

As melhores bênçãos de Jesus Ressuscitado!»

«Maria de Portugal»: A sua carta é um testemunho da Ressurreição!

Mais 200\$00 da assinante 8492, do Porto. Figueira de Castelo Rodrigo: «Lembrando o 75.º aniversário da morte do meu querido e saudoso Pai, envio 500\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». O costume de Vilarês (Vila Franca das Neves). Mais perseverança: 20 rands da assinante 18998, de Durban (África do Sul). Uma anónima, de Cête, com 500\$00. Assinante 21912, de Carcavelos, três notas divididas por duas intenções. Assinante 32897, de Cardigos, 1.000\$00. Alcanena: «Uma migalhinha, com muito carinho, para o que melhor entenderem, pois bem sei que não é mais do que uma gota no oceano de necessidades».

«Amiga em Cristo», de Belazaina do Chão, com uma importância para ser «emprego no mais necessário — ao critério da Conferência». Liberdade de acção — caridade perfeita!

Por fim, e pela mão da esposa do assinante 3107, de Lisboa, «uma pequena lembrança — para aquilo que melhor entenderem — em memória duns amigos muito queridos. Em vez de flores nas suas campas, prefiro entregar aos Pobres esta quantia, pois eles também achariam melhor assim». E, no Céu, dão graças a Deus-Pai!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

POMARES — As nossas árvores de fruto — ameixoeiras, macieiras e pereiras — já estão a mostrar os frutos, embora pequenos. E, quando amadurecerem, que deliciosos são!

FUTEBOL — Defrontámos uma equipa da Maia, em 4 de Maio. O jogo foi rijamente disputado e interrompido várias vezes pelo árbitro — para acalmar os nervos.

O nosso adversário, actuando em contra-ataques, quase marcou. Porém,

o nosso conjunto começou a jogar o futebol que sabe e o golo não tardou. Ao fim do primeiro tempo: 1-0.

No reatamento, o jogo continuou a ser duro, às vezes com certa violência. O árbitro voltou a interromper a partida. Mas, nesta segunda parte, mercê da nossa força física, dominámos ainda mais, até que haveria de surgir mais um tento, de fora da área. Um potente remate! Com esse golo, o jogo ficou resolvido. O adversário baixou os braços e, como já estavam fracos, começámos a pressionar no intuito de aumentar o resultado.

Também os mais novos tiveram a oportunidade de jogar. Defrontaram, em 1 de Maio, o Águias-Areosa F. C., grupo muito bem organizado, com um jogo tático muito harmonioso. Foi, sem dúvida, a melhor equipa!

O jogo não teve qualquer incidente. Na primeira parte foi muito equilibrado, terminando com um empate: 1-1.

No segundo tempo deu-se a derrocada do nosso conjunto! A equipa visitante marcou mais sete tentos, enquanto que a nossa, já de rastos, ainda conseguiu marcar um golo. O resultado fixou-se em 8-2 a favor do adversário. Justo, diga-se, pois foram os melhores em campo.

CASAMENTO — O Alexandre e a Emília casaram no dia 1 de Maio,

na nossa Capela. Depois das cerimónias fomos para o refeitório, onde decorreu a boda. Foi a parte da festa mais ruidosa! Seguidamente, actuou o nosso Conjunto, em homenagem ao Alexandre que tocava viola-ritmo e fez a sua despedida.

Em nome dos gaiatos, desejo que o Alexandre e a Emília sejam felizes neste importante passo da sua vida.

Ludgero Paula

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No passado mês de Abril tivemos o nosso Retiro: uma pausa necessária para o fortalecimento da nossa vida espiritual. Este ano foi no Marco de Canaveses. Tivemos a presença do nosso director espiritual (o nosso P.e Telmo) que nos segredava nos intervalos: — Olhem que estão a fazer barulho! A resposta era unânime: — A culpa não é nossa! Os claustros é que falam alto. E ele lá se afastava, sorrindo. A presidir ao Retiro tivemos o P.e Custódio Pinto, do Seminário dos Carvalhos, que, com sua juventude, ainda nos tornou mais jovens. Bem haja pelos ensinamentos e os alertas que nos deu.

Desta vez fomos treze casais, unidos numa só família sob o olhar de Deus. Tivemos a presença do «Melo» e da esposa que se deslocaram da Casa do Gaiato de Setúbal para se juntar ao grupo. E que bem nos soube a sua presença! No próximo ano contamos novamente convosco. Não vos esqueçais: todos unidos no amor de Cristo não somos de mais.

Nas nossas orações não esqueçamos de pedir ao Senhor forças para levarmos com alegria a nossa presença junto dos irmãos mais necessitados. Sem a Mão do Senhor não tinha significado a nossa missão. A propósito, recordo algumas linhas duma circular assinada pelos dois Conselhos Centrais da S. S. V. P. do Porto: «Nós, vicentinos, também nos dizemos ao serviço dos Pobres... O estar com quem precisa da nossa presença... Isto significa: a tua presença amiga, o teu sorriso, a tua disponibilidade para ouvir, estejam na primeira preocupação do teu ser e existir como vicentino(a)...»

«Nunca mandes nada por ninguém. Vai! Nunca deixes o Pobre vir à tua porta mendigar a esmola da Conferência. Vai lá! Descobre a alegria de amar, indo; e, se para entrares lá dentro, onde Cristo te espera, for preciso levar alguma coisa nas mãos para dar, então dá, porque antes já te tinhas dado.»

O nosso Retiro foi o receber para podermos dar melhor.

José Alves

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Como havíamos programado, realizámos mais uma Assembleia Geral para resolução de alguns assuntos, entre os quais o tempo de duração do mandato da nova Direcção, a qual ficou assim constituída: Carlos Gonçalves, Joaquim Gomes, Jaime Delmar, Luís Gomes e João Evangelista. O Conselho Fiscal: Augusto Barroso, Valdemar Soares e Fernando Marques. A Assembleia Geral: Zé Lemos, Lourenço e Manuel Pinto.

A nova Direcção quer mais abertura de todos para poder pôr em prática maior acção e dinamismo. Atenção companheiros residentes no estrangeiro: escrevam, contactem connosco e verão mais de perto ideais esquecidos.

Há trinta anos, Pai Américo foi chamado, mas deixou bem viva, no espírito de todos quantos o amamos, a sua presença. Assim, vamos realizar mais um convívio em Paço de Sousa, no dia vinte de Julho, esperando que tragas o teu farnel. Aparece e diz: presente!

Para qualquer contacto envia correspondência à Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, Rua D. João IV, 682, 4000 Porto.

João Evangelista



Outra imagem da oficina-escola tipográfica da nossa Casa de Miranda do Corvo. «O trabalho, espinha dorsal das Casas do Gaiato, é a cura que se impõe a cada um dos doentes de viagem que vêm dar à nossa porta.» (Pai Américo)

Do que nós necessitamos

Manhã cedo, depois do pequeno-almoço, tomo em minhas mãos a carga preciosa de tantas e tantas cartas... Verdadeiros tesouros, espelhos de corações bons que repartem conosco do que têm, fruto do suor, de renúncias e, sempre, de muito amor pela Obra da Rua.

É a amizade da Angelina, Raquelina e Alexandrina com 300\$. É o desejo de ficar escondido por detrás de 100.000\$, de V. N. de Gaia. É a partilha de grande provação familiar, de Rio Tinto, com 12.000\$. É a delicadeza de quem pede forças para estar sempre ao serviço dos Irmãos e 40.000\$. Resto do cumprimento de uma promessa — 2.700\$. Presença, muito amiga, que quer agradecer com 41.000\$. Assinante das Caldas de Vizela vem com 20.000\$. Já S. Paulo falava na alegria maior de dar do que receber — 50.000\$, em cheque, do Porto. São as aflições da mãe pela sorte de um filho e envia 10.000\$. Uma e outra vez no Espelho da Moda, na Rua dos Clérigos (Porto), e sempre com as mãos cheias. Encomendas pelo caminho de ferro. Lembremos que a estação de destino é Cête (Douro).

De Guimarães, 80.000\$ e só isto: «Para ajudar no que for mais necessário». Mais três notas de 100\$ e um cheque de 25.000\$. Num bilhete muito pequenino, uma nota de 500\$.

E, agora, paramos um bocadinho para ver passar um grupo grande de crianças: de Burgães, Carvalhido, N.ª S.ª da Bonança, da Paz, da Senhora Aparecida. Trazem os seus envelopes e entregam. Tudo com muita simplicidade. Gostamos tanto das suas visitas! Damos-lhes o que temos; a mensagem rica da Obra da Rua. A hora em que escrevo, outras visitas estão marcadas.

Mais 10.000\$ para o pão destes filhos. Um envelope e 770\$. Já nos habituámos à presença discreta de um grupo de trabalhadores da Uniteca — 740\$. Leiam: «Não agradecer nem mencionar o meu nome» — 30.000\$. Retribuímos o abraço. Mais 12.000\$ e a bênção de Deus para os vossos trabalhos. Cartas fechadas e abertas; talões e encomendas, no Espelho da Moda. Ali, é lugar certo de desobriga de assinantes d'O GALATO; dos livros da Editorial e donativos de quem, de momento, não pode vir a nossa Casa.

Vamos parar mais um pouquinho, porque uma esposa chega com a primeira pensão de invalidez de seu marido. Sim, tomamos em nossas mãos esta carga preciosa e outras! Mais: Agora vem a mãe de 10 filhos e 8 netos; envergonhada pelo silêncio tão prolongado na resposta a O GALATO e aos livros da Editorial, com 10.000\$. Santo Deus! Como somos pequeninos diante de tamanha

grandeza! «Tenho pena de não poder dar mais, mas a despesa desta casa é muito grande e meu marido está reformado». Que dizer? Ficamos calados!

A Fernanda traz a mensalidade de 200\$. De duas angolanas, mãe e filha, 500\$. Que saudades de Angola, meu Deus! São pedaços de vida que nos dão mais vida, mais alegria, mais vontade de trabalhar! Mais 30.000\$, mais 10.000\$, mais 5.000\$.

A Área de Telecomunicações da Batalha, Porto, está presente para tapar algum buraco, com 5.000\$ e beijinhos aos «Batatinhas». A. R. R. C. B. — 2.000\$. Os Amigos, de sempre, da Caixa Têxtil, 8.610\$. Mais 10.000\$, num envelope. Mais uma saca de medicamentos. Da Areosa, mãe com muita gente em casa tira uns momentos para escrever e põe 18.000\$. É verdade, o mundo anda cheio de alegria, aturdido com tantas coisas que não levam a lado nenhum. Os jovens, oh! os jovens!

Do assinante 2978, 2.400\$. Outra assinatura de 10.000\$. Vale a pena mais uma breve paragem: «Como gesto de co-

munhão com todo o vosso trabalho a favor dos jovens, aí vai um cheque de 50.000\$. São jovens da nossa comunidade, de mãos dadas com as vossas». Que lindo! Vem de um grupo de jovens que residem na Alemanha. Trinta mil e mais cinco mil. Do Porto, 29.000\$. Santo Tirso foi ao Espelho da Moda e deixou lá 20.000\$. Teatro Sá da Bandeira, 63.820\$ — também no Espelho da Moda. E mais outra remessa.

Só Deus sabe o valor de cada dádiva. Só Ele olha, com verdade, o coração de cada um. Não foi o Óbulo da Viúva tão grande que mereceu o louvor do Senhor? 250\$, mais 200\$, mais 100\$. Somos família — família humana com vocação de família de Deus. Uns ainda na terra; outros já na Eternidade. Todos participam dos bens de cada um. Por isso, 10.000\$ a sufragar as Almas; e um apelo ao abrir das mãos para os mais pequeninos. Exatamente de mãos dadas, caminha o assinante 32699 com 7.500\$. Está connosco. Põe em primeiro plano o interesse pelas coisas dos verdadeiramente Pobres, dos sem lar, dos

CANTINHO das SENHORAS

Mais uma vez nos reunimos, em Fátima, para convivemos e reflectirmos, em grupo, sobre o que deve ser a nossa missão (sublime missão) de «Mães» — na Obra da Rua.

A todas, de vez em quando, é feita a pergunta: — Como é que vivem e como será, depois, quando não puderem, quando estiverem doentes, etc.

Há quem viva preocupada com isso, até as nossas famílias. É natural e humano.

Dia 3 de Maio celebrou-se a Festa dos Apóstolos Filipe e Tiago. Jesus fala-nos pela boca de João: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6).

Naquela tarde de Quinta-Feira Santa, Jesus fala tão cheio de ternura e carinho aos Seus discípulos! Era tudo tão íntimo! Era a despedida... Quando Filipe pede a Jesus: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta» — o Mestre mostra-Se triste e quase o repreende: «Há tanto tempo que Eu estou convosco e não Me conheceis, Filipe? Quem Me viu, viu o Pai» (Jo 14,8-9). Jesus continua, com paciência e carinho, explicando que quem O conhece e ama, conhece e ama o Pai; que fazendo o que Ele fez é como sendo Ele mesmo;

que não nos deixa órfãos; que nos prepara um Lugar e que Lá, para onde Ele vai, há muitas moradas.

«Se acreditais..., se credes em Mim..., tudo quanto pedirdes em Meu Nome, o hei-de fazer.»

Era o texto litúrgico deste dia, mas parecia ter sido escolhido para nós este capítulo 14 de João!

O mundo não conhece..., porque isto só se conhece por dentro e o mundo só vê por fora.

Todas nós gostamos de ver e fazer coisas grandes. Ter e ver resultados concretos. E aquilo que fazemos numa Casa do Gaiato, às vezes, parece inútil. Pode surgir o cansaço, a dúvida, a tristeza, etc.

«O essencial não é visível para os olhos» — diz Saint Exupéry no «Príncipezinho».

Digo, às vezes, às crianças: — Aquilo que fazemos mais importante de mal ou de bem é aquilo que ninguém vê. Nem sempre concordamos com isso. Mas, se pensarmos bem, creio que chegamos a aceitar que é verdade. As coisas mais graves que acontecem, normalmente são feitas às escondidas (quando ninguém vê). As coisas mais importantes para Deus são aquelas que material-

Retalhos de vida

ROLANDO



Eu chamo-me Rolando Pereira Passos. Tenho 11 anos e sou da Rua Escura — Porto.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque a minha mãe e o meu pai não me podiam lá ter porque eu e o meu irmão fugíamos de casa para a vadiagem.

Eu e o meu irmão estamos aqui a ser educados para, quando sairmos da Casa do Gaiato, sermos homens úteis. Quando for grande gostaria de ser mecânico ou padeiro.

Rolando

sem amor. Vale a pena queimar a vida por causa tão grande! O Senhor é glorificado.

Não sei donde, 5.000\$. «Com muito carinho e amor pela Casa do Gaiato, 2.000\$». Da M. Fernanda, 250\$. Erguer as mãos! «Vivo da minha reforma, tive um pequeno aumento e desse aumento reparto convosco — 5.000\$». Senhor, nosso Deus, que conheceis os corações, dai a cada um segundo a beleza das suas obras, já que não sabemos nada!

«Que pena senti só agora conhecer a vossa Obra...! Vamos ao presente: Desejo assinar o jornal O GALATO. Envio

um cheque. Rosa.» Beijinhos, da «recoveira», para todos. Dez mil, da Maria Manuela. Mais 3.000\$. Mais 2.000\$. Trinta mil, no Espelho da Moda, com pedido de orações para o ofertante. Que mais temos para dar? Nada de mais valor. Mãe com mil. E cinco vezes mais de um velho Amigo.

Segue-se, agora, uma lista dos que nunca faltam: 2.000\$, 270\$, 10.000\$, 100\$, 100\$, 500\$. Mais outra lista de nomes com 3.000\$.

«Para avivar as brasas da vossa lareira», dedicatória dos Amigos de Gondomar; e Flação da Ponte da Pedra, 8.000\$. De Catassol, Maia, 10.000\$. Do assinante 12345, pedido de perdão pelo atraso e 15.000\$. De Fátima, 25.000\$. Gente que quer marcar presença vem com 4.350\$. E vêm de toda a parte do nosso Portugal. E de fora, também. Somos do Povo. Queremos ser do Povo e, por isso, tão amados!

Quinhentos, de Santarém. Toda a família ajudou com 5.350\$. São as mães preocupadas com a sorte de seus filhos as que muito se afligem com a sorte dos nossos. Por isso, dão e pedem. Ninguém como elas nos entendem. Quanta força nos dão ao dizer-nos as aflições e alegrias por que passam. Estamos em sintonia. De Leiria, pelas mãos do assinante 35473, 14.400\$. Esta Amiga já partiu para o seio do Pai. Antes, porém, quis deixar-nos 50.000\$ pelas mãos da sobrinha, 25 mil do Arnaldo. De Johannesburg temos recebido, com regularidade, notícias e a ajuda sempre bem-vinda e amiga da Maria Alice. De Portela de Santiago, migalha de muito valor, porque não pode ser maior! Sim, celebramos todas as manhãs com as mãos cheias de ofertas de todos os que se confiam aos nossos cuidados. 5.000\$ e «o gesto é para esquecer; lembro-me apenas que conheci o Padre Américo e não é preciso dizer mais nada».

Agora, Vila Real com 30.000\$. Vasco e Maria Manuela com 50.000\$. Da Maria Aurora, 10.000\$. Um grande abraço da Póvoa de Varzim e um cheque de 5.000\$ «e que o Senhor suscite muitas vidas para a Obra».

mente não rendem, aquelas que ninguém vê nem agradece; e, principalmente, as que são incompreendidas.

Afinal, o que é importante? A intenção com que se fazem. E essa é vista pelo Senhor e nasce d'Ele.

Como é que Ele sendo bom não olha às coisas boas que fazemos e nos deixaria abandonadas? Sentimo-nos sós, incompreendidas? Não Se sentiu Ele também incompreendido?!

Sem Cruz não há Ressurreição. É o Senhor que faz a proposta, mas põe condições: Ver, aceitar, permanecer n'Ele e Ele promete comprometer-Se...

Aceitar, com Maria, as contrariedades da vida. Com serenidade, confiança, ânimo, alegria e esperança. Tudo virá a seu tempo: as pessoas e as coisas de que precisamos.

Nossa Senhora trilhou sózinha, muitas vezes, as pedras duras da sua caminhada de peregrina para a Casa do Pai.

É preciso espalhar esta notícia: Vinde ver o lugar onde «Ele mora hoje».

Nas Casas do Gaiato oferecemos lugares a Senhoras que, disponíveis (interiormente e materialmente), queiram seguir de perto o Mestre. Procurando-O cá dentro todos os dias — mesmo que Ele pareça escondido. A Mãe protege-nos, ampara-nos. Em Fátima veneramos a «Senhora da Mensagem». E a Sua Mensagem — Jesus Cristo — está presente, viva, no Mundo e em cada um de nós. Crede n'Ele e aceitai-O!

Isaura (de Setúbal)

Cont. na 4.ª pág.

ÁFRICA

Veio carta daquele sacerdote, nosso amigo, já com 82 anos, que vive numa missão do mato a 300 km da cidade. Ali continua, quase repetindo o milagre da multiplicação dos pães — repartindo pelos pobres e refugiados. Cada carta me recorda os nenúfares e as canoas tranquilas que saltam aos olhos na grande lagoa a trezentos metros da residência...

«Os candeieiros que mandou já estragaram, as trucidadas não sobem. Não mais tivemos luz. Mande-me fita para a máquina de escrever — a que tenho ficado podre.»

E o leite, a farinha e o feijão?! Como ficava triste quando via chegar àquela pequena cidade de África, onde tive-

mos uma Aldela de Rapazes, os comboios de armamento...! Recordo, um dia, depois de ter percorrido todas as cantinas à procura de um saco de sal. Já tinha o jeep carregado de fuba, leite e medicamentos para me meter à picada de 300 km que leva àquela missão. Lá me esperavam, ansiosos, o grupo de refugiados e aquele missionário amigo que ali ficou, sujeito à guerra e à fome para dar ajuda aos irmãos.

Na zona da estação, para esconderem as manobras da descarga, tinham impedido o trânsito. As filas de carros mi-

litares esperavam as cargas — tesoiros de morte — e as metralhadoras impediam apontando um novo trânsito.

Nas senzalas distantes iam tendo os produtos da terra. Mas sal? Sentíamos — e ainda hoje — toda a angústia nos olhos quando nos pediam sal: chegava um vagão daquele comboio comprido!

Todo o caminho daquela picada sem fim meditei no mistério da guerra, ao passar nas pontes de madeira sobre os rios..., cujas margens eram «matagais» de capim alto — em vez de bananeiras e pomares. Nos vales pantanosos, a perder de vista, que poderiam ser (já foram) campos de algodão.

Ao lado da picada, semeada de saltos, na minha imaginação quase febril, os dois carris de aço vindos dos países (civilizados?) e que levam, todos os dias, ao centro de África, os germens da destruição e da morte — em vez de vida, pão e frutas!!!

Chegava bem a potência das armas (e o seu preço) de um submarino «Tridente» para transformar em arrozais todos estes vales, sendo ordenados para tal. Isto nos parece lógico e a guerra uma loucura. Mas, de facto, ela continua a germinar no nosso coração:

Quando está o egoísmo em

vez do amor; a ambição de ter mais e mais em vez da fraternidade; a intolerância em vez do perdão; a corrupção em vez da dignidade humana.

Somos, então, todos nós, os autores da guerra?!

A picada chegou ao fim. P.e Luís não me esperava. Recordo o seu olhar, tão feliz, ao verme; e o movimento de festa no grupo dos refugiados já de volta dos lumes: a farinha e o leite tinham acabado.

Quando, na manhã do dia seguinte, P.e Luís me convidou a visitar os refugiados, indicou-me uma jovem de 19 anos e disse-me:

— Conhece-a?

Perante o meu silêncio, acrescentou:

— É aquela velhinha que vimos chegar, há dois meses...

Pasmel! Os dois tínhamos julgado que era uma velhinha esquelética quando há dois meses a tínhamos amparado — pois já não se tinha em pé — depois da caminhada de 100 km para fugir dos tiros e à fome. O milagre do leite!

Como é possível que os homens responsáveis (e inteligentes) não reflectam nos horrores da guerra e da fome?!

Um dia, por acaso, entrei na casa dum senhor do mando. Nada faltava — desde o luxo dos móveis às iguarias e bebidas! Nos discursos era vê-lo a proclamar os direitos e os deveres iguais.

Padre Telmo

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

Esperamos! Confiamos! Sabemos em Quem acreditamos e por Quem trabalhamos! Erresinde presente com 10.000\$. Tantas vezes! De Alvalade, 8.000\$. De Braga, 10.000\$. Mais uma carta cheia de ciência divina. Traz-nos a ternura de um amor de mãe. É assim o Amor de Deus que se comunica ao homem para outro homem. Traz 3.000\$ e vem de Santarém. Atenção, Ovar! Esta carta diz que «há muitos corações adormecidos por cá». É de uma velha Amiga e manda 52.650\$.

A Isabel é uma jovem já madura. Mas quer mais, sempre mais. Aprendeu com o pai a amar a Obra do Padre Américo. Vamos ouvi-la: «Sempre tive vontade de ajudar de alguma maneira. Agora sou um pouco mais velha e ganhei o meu primeiro dinheiro trabalhando. Faço gosto em enviar uma oferta: 7.500\$». Não comentamos. Da Ana Maria, de V. N. de Gaia, 1.100\$. As roupas pode levá-las ao nosso Lar na Rua D. João IV, 682, no Porto. Vinte caixas de vinagre, da Golegã. Que preciosidade! Do Lar «Betânia», 3.000\$.

Atenção! Vamos, de novo, enguer as mãos: «23.500\$ referentes a aumentos de ordenado e percentagens do 13.º mês, pois não queremos que outros fiquem privados — assinante 10737». Do Canadá, 100 dólares. 5.000\$, do Porto; e 20.000\$ no nosso Lar na R. D. João IV.

«Por favor, não mencionem o meu nome. Não gosto que saibam o que eu dou. É um segredo entre mim e o Sagrado Coração de Jesus.» Cumprimos. Felicidades para todos e 10.000\$. Duas vezes 3.000\$. Duas vezes 10.000\$. O dobro de S. João da Madeira. Metade, não sei donde. Outra vez 20.000\$ da Armandina. E 30.000\$ da Júlia. Anónima, da Murtosa, 15.000\$. De Espinho, 5.000\$. Outro tanto, de Barcelos.

São horas de parar! Mas, como fazer?

A assinante 21226 vem aí com 100.000\$. E Pardelhas apresenta-se com 22.600\$. Cartas e mais cartas. Presenças sempre comprometidas com a vida da Obra da Rua. São os que escrevem. São os que nos conhecem pelo O GAIATO. São os que nos visitam, ao domingo ou à semana. Passam, admiram, agradecem e vão-se mais felizes pelo Bem que fazem. Obrigado!

Padre Luiz

Padre Manuel António

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

responsáveis da Obra da Rua sentem, como ninguém, a carência de continuadores, porque gastos pelos trabalhos e pelas vicissitudes do seu viver. A outros, melhores do que nós, queremos entregar o testemunho, que as tragédias são cada vez mais e maiores. A Obra não pode morrer e, por isso, com toda a fé e a máxima es-

perança, depositamos nas Mãos de Deus a solução de tão séria questão.

Comungar com os Amigos das carências e dos problemas da Obra tem sido sempre a norma do nosso agir. Mal seria se o não fizessemos a pretexto de tão vital assunto, recomendando-lhes todo o empenho para que o Senhor da messe envie operários para esta seara. Que Deus nos oiça e mande «apóstolos desprendidos», «sem ouro nem prata», dispostos a dar a vida, sem condições, pelos seus irmãos mais desprotegidos.

■ CAPELA — Esperamos, num dos próximos números, dar notícias sobre o assunto em pormenor.

Resolvidos os problemas de articulação entre os aspectos arquitectónicos e de engenharia, tudo faz supor que se entrará, finalmente, na execução do projecto. A graça de sermos assistidos por dois bons Amigos da Obra da Rua é factor a pôr em realce.

■ FESTAS — Realizadas as Festas de Lisboa e de Loures, é ocasião de anunciarmos a de Odivelas, no próximo dia 8 de Junho, pelas 15,30 h, no salão do Instituto de Odivelas, gentilmente cedido pela Senhora Directora. Os bilhetes estão à venda na Paróquia de Odivelas e nesta Casa do Gaiato.

na memória dos responsáveis pelo relatório de 1969, os problemas havidos com a demolição das «ilhas» e a consequente «deportação» dos seus moradores para os bairros municipais, geralmente erguidos na periferia da cidade.

Mas o pensamento que enforma este relatório leva a outras conclusões:

A revitalização de sectores «passivos e marginais, transformando-os em activos e pólos de desenvolvimento inseridos harmónicamente no conjunto urbano;

a maior economia na conservação e renovação dos velhos edifícios relativamente a novas construções que, ainda assim, quando houverem de ser feitas, o serão numa perspectiva integrante no carácter arquitectónico da zona, dotando-a de habitações condignas como dos necessários equipamentos colectivos e espaços verdes;

a necessidade de disposições legais específicas aplicáveis ao Barredo e às outras zonas do Centro Histórico em semelhante estado de degradação.

O relatório de 1969 tinha ainda de esperar uma boa meia dúzia de anos até soar a hora de as suas conclusões serem dadas à luz. Mas foi na mente dele que a operação de renovação urbana da Ribeira-Barredo veio arrancar, mercê do despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Arq.º Nuno Portas, em 28 de Setembro de 1974.

Padre Carlos

Barredo

Cont. da 1.ª pág.

venção deles e da tentação de migrações descontroladas para a grande cidade, que era o Património dos Pobres.

Um novo olhar sobre a Ribeira, na linha dos estudos já referidos, surgiria em 1962 com o Plano Director da cidade que considera a «zona de interesse artístico, monumental ou simplesmente turístico», «um conjunto de edifícios quase todos dos séculos XVI-XVIII, sem elementos estranhos»; contudo, dado o seu grau de degradação, opta pela «demolição de todos os quarteirões do Barredo para melhoria das condições de salubridade dos restantes. Ficariam, de pé, apenas as casas da Rua Cimo do Muro, enquanto o espaço do «Miolo» demolido seria ocupado por um circuito viário, panorâmico, entre a Sé e a Praça da Ribeira e por novas construções com fins culturais e turísticos, incluindo um grande parque de estacionamento a servir o centro da cidade.

Feliz, neste caso, o nosso proverbial desfasamento entre planos e a sua execução. Teria sido um crime de lesa-património a realização de um projecto tão desumano.

O assunto foi retomado em 1969 por uma equipa camará-

ria que elabora um relatório, apoiada em um estudo do Arq.º Fernando Távora. O pensamento é, agora, diferente do simplismo radical da total demolição. «Há valores positivos a salvaguardar» e estes «não são só os do património arquitectónico, como os de uma comunidade e sua cultura» (o sublinhado é nosso).

O objectivo é, agora, mais ambicioso que a simples salubridade da zona. Ele tem uma componente cultural na preservação dos valores históricos; e outra, de carácter social e urbanístico: a de manter, ali, quanto possível, a população enraizada — isto no contexto de um problema habitacional que afecta toda a cidade.

Melhorar as condições de vida daquela comunidade supõe a «indispensável responsabilização» da população que não pode ser passiva no decorrer do melhoramento para que, no fim, ele verdadeiramente o seja. Aliás, a preocupação do realojamento ou do alojamento em locais o mais possível próximos ou de características semelhantes, é uma constante no Processo que viria a realizar-se e causa de não pequenas dificuldades, como já referimos. E elas foram superadas com o concurso da população. De resto, estava bem presente

Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285

Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel